



arquivo  
municipal  
cadernos

Nº2



CÂMARA MUNICIPAL  
DE ÉVORA

Julho '09



# EXPOSIÇÃO MERGULHOS NA HISTÓRIA

A Câmara Municipal de Évora através da presente exposição pretende mostrar a necessidade que a população eborense sentiu, ao longo dos tempos, de um espaço de lazer destinado a banhos desde a Piscina Romana, instalada no edifício dos Paços do Concelho passando pelo "Balneário das Bravas" até ao actual Parque das Piscinas.

Com o novo projecto que agora se apresenta pretende-se remodelar o originalmente construído, de modo a beneficiar todos os eborenses.

## Ficha Técnica

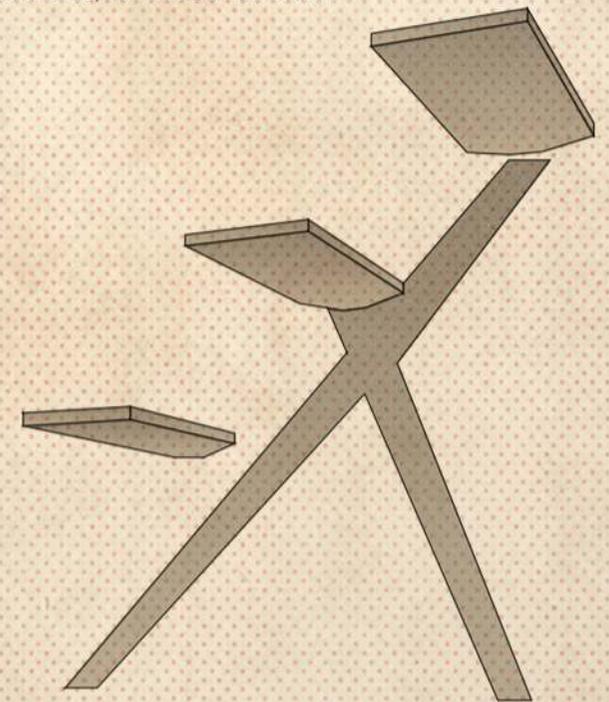
Produção: Município de Évora

Coordenação:  
Departamento de Comunicação e Relações Externas:  
Arquivo Municipal  
Maria do Rosário Martins

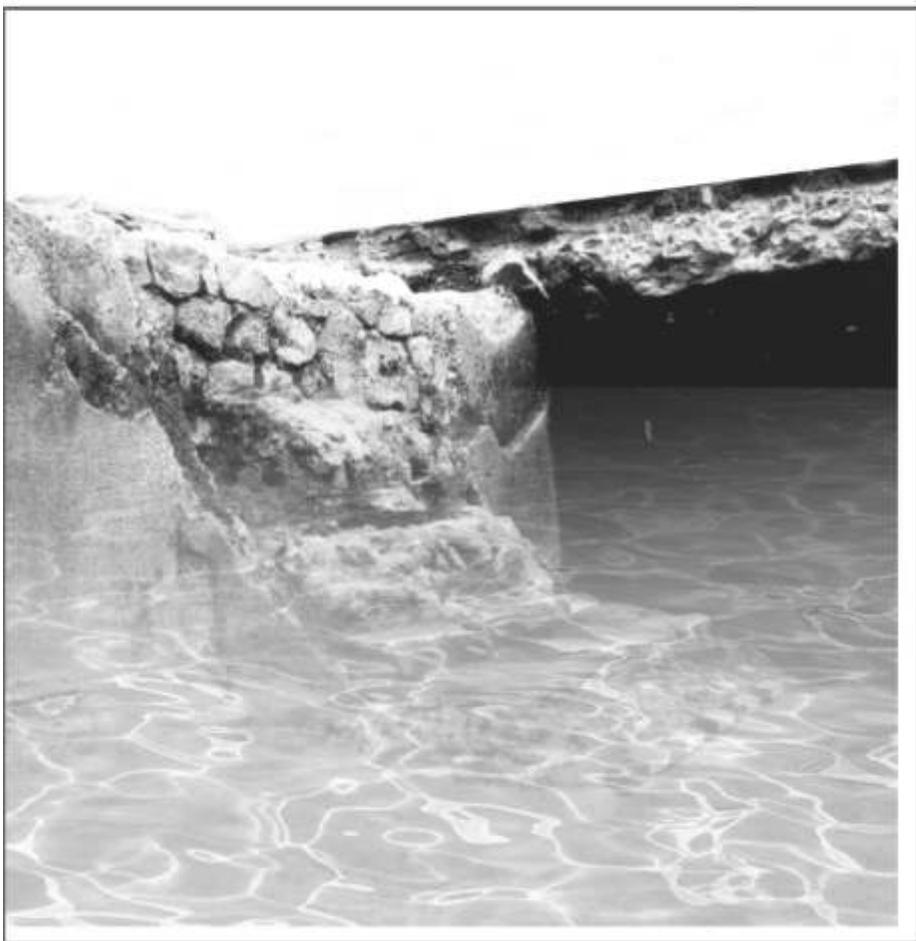
Colaboradores:  
Carlos Baloneta de Almeida  
Dinis Pereira  
Fellsberto Gomes  
Hugo Matias  
José Conde  
José Escária  
José Mourita  
Miguel Madeira  
Panagiotis Sarantopoulos  
Rosário Fernandes  
Telmo Marono  
Maria João Raimundo

Agradecimentos:  
Diogo Castelo  
Isabel Cid  
Joaquim Figueira  
Luís Louro

Um agradecimento especial a todo o pessoal ao serviço da Piscina Municipal pela sua dedicação e disponibilidade.



# //A Piscina Romana





A Piscina Romana de Évora parece ser exemplo de vinte séculos que a população eborense tem de ocupação dos seus tempos de ócio em espaços destinados a Banhos Públicos.

Os banhos públicos da Eborā Liberalitas Iulia foram descobertos em Novembro de 1987, no subsolo do corpo velho do actual edifício dos Paços do Concelho, no decurso de sondagens anteriores à realização de obras para adaptação duma sala para bar do pessoal da Autarquia.

Estes trabalhos conduziram à identificação de uma sala circular denominada Laconicum, de 9 metros de diâmetro.

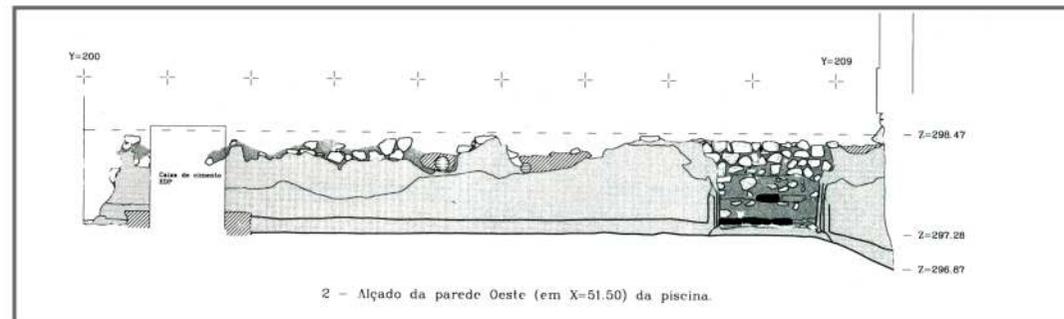
A estrutura encontrada pode ser interpretada como uma piscina – natatium que fazia parte integral do complexo balnear romano. De formato ortogonal, com orientação Norte-Sul e com largura de 14,40 metros. Calcula-se o seu comprimento, por estudos efectuados, em 45 metros, tendo uma capacidade de armazenamento de 1000 metros cúbicos.

A piscina tem o fundo pavimentado a opus signinum com cota absoluta de 297 metros (calculando-se que a sua profundidade seja de 1,30 metros).

Na união das paredes com o fundo é visível a meia cana, característica das estruturas destinadas à contenção de líquidos.

O fundo da piscina tem a particularidade de parecer revelar uma inclinação no sentido Norte-Sul, a partir da escada que lhe daria acesso.

Pelo potencial científico e pelo estado de conservação que apresenta parece constituir um monumento de grande valor patrimonial.



## //Piscina Municipal - Intervenção

Situado na margem esquerda da Ribeira da Torregela, a cerca de 500 metros da antiga Porta de Alconchel, na estrada que se dirige para Lisboa, encontra-se desde há séculos, o Chafariz das Bravas...

A data da sua construção suscita algumas dúvidas, pois para Túlio Espanca, parece já existir no ano de 1483, conforme carta régia de D. João II, datada de 3 de Setembro, que se guarda no Livro II dos Originais da Câmara, a fl. 81 (Códice 72 do Arquivo Municipal, depositado na Arquivo Distrital de Évora). No entanto, para Gabriel Pereira o Chafariz era anterior, uma vez que nas Posturas Antigas da Câmara Municipal de Évora de 1380 a 1382, encontra-se referência, à sua limpeza periódica " ...que nom lavem coisa cuja no chafariz das bravas nem nos poços dell, nem façam lixo nenhum... e o rendeiro alinpe o chafariz e o lave cada mez..." (artº 67).

O desenho aguarelado da vista panorâmica da cidade, constante do seu Foral, doado por D. Manuel em 1 de Setembro de 1501 (data oficial), representa o Chafariz com aspecto muito semelhante ao actual, embora tenha sofrido algumas obras e melhoramentos como no reinado de D. João III, por empreitada de 10 000 reis, obra feita pelos mestres Lourenço Luís e Domingos Rodrigues.

Em 1538, foi arranjado o caminho que ia do Chafariz à Porta de Alconchel.

Quando da vinda do rei D. João V à cidade de Évora, em 1728, beneficiou de algumas reparações e, em 1849, Augusto B. Elerperck diz-nos que já tinha três bicas, donde escorria a água para um tanque, possuindo já outro reservatório, de menor dimensão, o qual servia de lavadouro público, além de um tanque com proporções de um lago.

No mandato do Presidente Francisco Barahona, em 1903, a Câmara Municipal, levou a cabo novas obras e, em 2005, realizou-se a última intervenção.



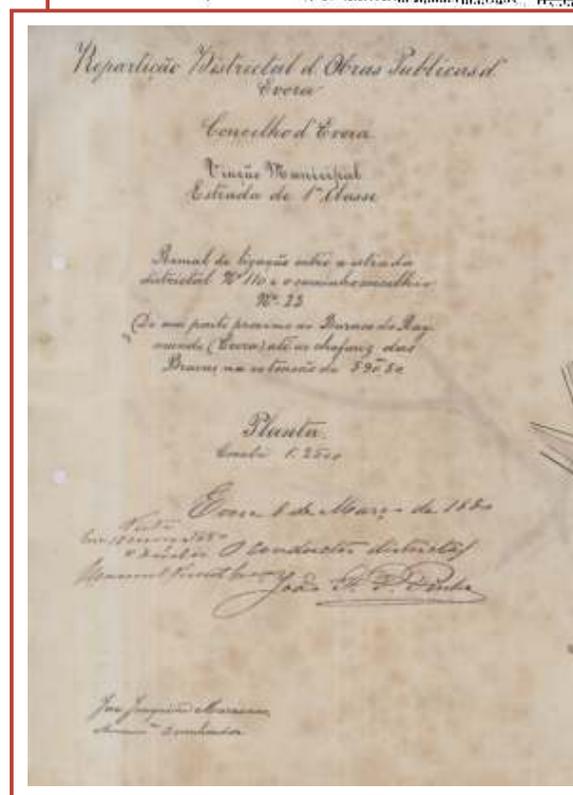
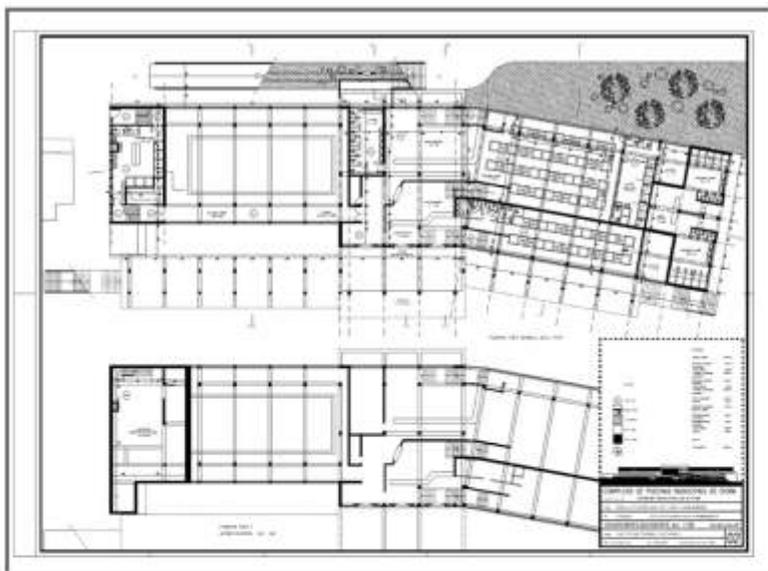
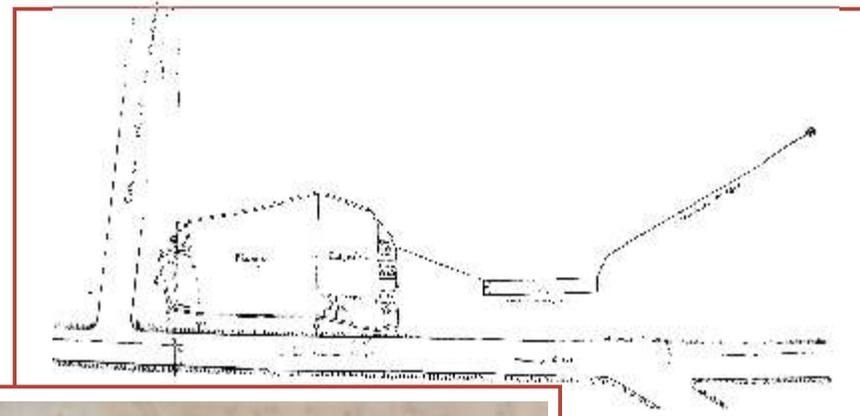
A presente intervenção surge no contexto da necessidade de adaptar o actual Complexo de Piscinas Municipais de Évora às necessidades técnicas, funcionais e regulamentares verificadas, inerentes ao funcionamento deste equipamento desportivo durante mais de 45 anos.

Aquando do início da realização do projecto de alterações/requalificação deste equipamento, foi realizado um levantamento e efectuada uma análise da situação existente, com vista a definir com rigor as estratégias e prioridades de intervenção.

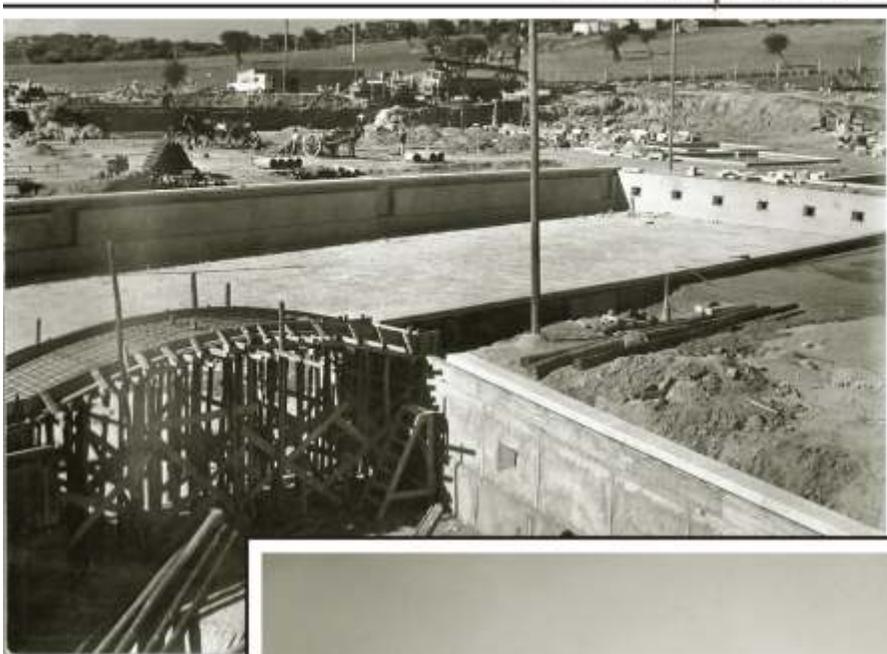
Devido à complexidade e dimensão da intervenção necessária, foi proposto o seu faseamento, sendo que o presente projecto incide essencialmente sobre o edifício principal, abrangendo ainda intervenções pontuais consideradas fundamentais para um funcionamento adequado e seguro deste equipamento, como a substituição das guardas das pranchas do tanque de saltos e a construção de um novo espaço técnico para equipamento e maquinaria de apoio às piscinas exteriores.

O edifício, projectado no início da década de 60 do séc. XX pelo Arqt<sup>o</sup> Conceição e Silva, detém evidente e reconhecido valor arquitectónico, albergando uma piscina coberta e todos os espaços de apoio ao recinto de piscinas – balneários, instalações sanitárias, espaços de acolhimento e zonas técnicas.

## //Chafariz das Bravas



//Há sonhos que passam //Entrevista  
da ficção à realidade





Joaquim Figueira – Encarregado das Piscinas entre 1971 e 1995

Como foi o seu trabalho nas Piscinas?

Entrei em Junho de 1971 para as Piscinas Municipais como encarregado e estive lá até 1995.

As Piscinas eram muito importantes?

Sim, antes só havia o Jardim e depois o lazer em Évora passou também a ser as Piscinas. Todas as semanas tinha ali a entrar três, quatro mil pessoas. Fiz até uma semana com 5112 pessoas. Não havia piscinas noutra lugar ao redor, apareceram depois umas em Beja e havia uma pequenina em Montemor. Eu fiz um parque automóvel coberto para os carros estarem sempre à sombra e quando eram onze horas já estava sempre esgotado. Os balneários das crianças eram pintados todos os anos, um dia estive lá a Setal, que foi a empresa que fez a maquinaria e estação de tratamento. Deixou lá grandes livros de instruções e foi por eles que eu me orientei. Eles foram lá e disseram-me "As Piscinas estão tão bonitas como quando foram inauguradas. Como é que consegue?"

Que balanço faz hoje do trabalho realizado?

Foram uns anos muito queridos que eu passei e não tenho pena nenhuma. Ficou lá um rapaz que, também creio, deve ter amor por aquilo tudo. Aquelas piscinas tiveram sorte porque eu tinha amor pelas plantas, sabia o que era a relva e sabia quando havia de semear, quando havia de cortar. Tinha 40, 50 sombrinhas grandes na relva. Quando lá cheguei considerei que aquilo era uma grande responsabilidade para mim. Tínhamos de ter várias garrafas de cloro para quando se acabasse uma termos logo outra de substituição. Estes 24 anos foram bons, gostava muito da jardinagem, mas lá também a pude continuar.

Os alentejanos pelo apreço do mar e necessidade de refrigério, procuravam a água que nos dias escaldantes do verão atenuava a violência do tempo.

Nos anos que antecederam ao aparecimento das Piscinas, os jovens da nossa região recorriam aos mais variados e perigosos pegos do Degebe e às poucas barragens e tanques, com águas não tratadas, onde corriam os riscos próprios das suas aventuras e onde alguns perderam a vida.

Um pouco mais à mão, naqueles longínquos anos havia a troco de alguns tostões a possibilidades de mergulhar com um pouco mais de segurança, ou com menos perigo, num tanque do Sr. Alexandre que mudava a água quando o rei fazia anos, como o tanque tinha dupla função, ou seja, também a sua água servia para regar a horta, ao baixar o nível do dito, eram os próprios banhistas que tinham de tirar a água da nora para aumentar o volume, evitando o perigo ao mergulhar, de bater no fundo.

Já com algum requinte para a época tínhamos o balneário, do Chafariz das Bravas, que já funcionava no meu tempo, tinha dois chuveiros para uma centena de banhista que após terminado o trabalho, ali acorriam aos domingos e se exibiam nos saltos acrobáticos da sua prancha. Mergulhando nas águas verde-esmeralda que só eram transparentes nos primeiros dias da quinzena que se seguia à limpeza do tanque.

Não passava de um sonho ter o direito a Piscinas.

O tempo que mediou do lançamento da sua primeira pedra à inauguração era razão para romarias, na esperança de que as obras não parassem e dessem razão aos mais optimistas, porque para alguns isso não passava de sonho. "Não havia água para encher aqueles grandes buracos", diziam uns, "isto, vai ser só para os ricos", diziam outros.

Porém a obra arrancou e mais do que isso, a sua conservação e utilização tem sido meritória, pois as várias edilidades têm sabido honrar o compromisso e desmentir os "Velhos do Restelo", que por aqui sempre roubaram e deram os dias contados à bela obra e que não tardaria a tudo ter de voltar à primeira forma.

Até hoje não tem sido assim.

Lamento que os meus velhos "Tarzans" já tivessem desaparecido, mas satisfaz-me a alegria de ver lá os nossos netos.

Oxalá as futuras gerações saibam como necessário é utilizar este belo Parque, cujos ingressos, mais simbólicos que reais, permitem a todas as classes a sua fruição.

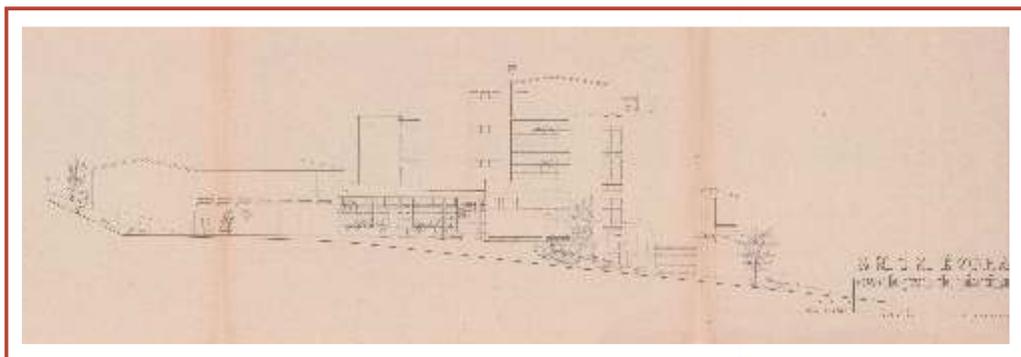
Luís Louro

A construção da Piscina Municipal foi dividida em duas fases:

Uma primeira fase, constituída pela construção das Piscinas propriamente ditas e uma segunda fase a parte relativa a um Restaurante ou Estalagem, conforme aquilo que se viesse a deliberar.

Na dúvida, entrou-se em contacto com os respectivos serviços técnicos do SNI (Secretariado Nacional de Informação), que manifestaram todo o interesse em que se construísse no local um estabelecimento que fosse para além, ainda, daquilo que se programava.

O assunto ficou para futura avaliação das possibilidades da construção de uma estalagem de características marcadamente regionais e que poderia vir a beneficiar das acentuadas vantagens dos estabelecimentos de utilidade turística.



Diogo Castelo – Encarregado Geral da obra de construção das Piscinas

De que forma acontece a sua ligação às Piscinas?

Nessa época eu trabalhava nos serviços municipalizados e um dia entro no gabinete do engenheiro Lopes Rodrigues e ele diz-me: "Vão deixar de morrer jovens no Pego da Volta. Vamos fazer umas piscinas". O Pego da Volta era um local no rio Degêbe onde de vez em quando morriam jovens, pois antigamente era o único lugar onde as pessoas podiam nadar e tinha acabado de morrer lá um jovem. Fazer umas piscinas até ia ao encontro das minhas conveniências, pois eu tinha-lhe dito que me queria ir embora dos Serviços Municipalizados, onde eu era responsável pelo abastecimento de água e pelo saneamento. Não tínhamos lá engenheiros porque o Estado não lhes pagava, cá fora ganhavam mais. Eu disse-lhe: "Estou a pensar ir embora, pois as obras que aqui tem são de pouco volume e eu estou no início da minha carreira profissional, quero meter-me com outras obras maiores". Então ele disse-me: Não se vá embora porque vamos fazer as piscinas, é uma obra grande.

Então a obra avançou logo?

Ele conseguiu imediatamente começar as piscinas, foi tudo feito à mão, não havia guas, tínhamos uma betoneira pequena e as argamassas foram todas carregadas à mão e demorámos ano e meio, foi um recorde, chegaram lá a trabalhar 300 pessoas. No dia da abertura das piscinas, eu não tenho presente os milhares de pessoas que foram lá inaugurar aquilo! Não cabia lá um alfinete. Isto porque não havia nada aqui à volta, por isso foi um grande acontecimento. O Presidente da Câmara e o Governador Civil tinham prometido ao Salazar uma determinada data para inaugurar aquilo, parece-me que era em Setembro, e então trabalhamos de dia e de noite. Um dia, às três da manhã, senti-me mal. Estava muito frio e levaram-me para o hospital, mas ainda consegui voltar depressa e acabar o resto do painel que está á entrada sobre os Índios astecas.

Foi também imprescindível na execução desta obra a intensa actividade do Eng. Fernando Rodrigues, também meu superior hierárquico, e o desenhador e aguarelista Daniel Ribeiro Sanches, que tem o seu nome reflectido em muito do que criou para a cidade de Évora, entre o que se destaca o modelo dos clássicos candeeiros que existem pendurados nas paredes da nossa cidade na parte intramuros.

O que sentiu quando concluiu as Piscinas?

Fiquei muito contente. Na altura estava na minha ascensão profissional, era pedreiro, gostava de fazer obras grandes. Estive lá 15 ou 16 anos e depois vim embora.



//Entrevista

//A construção





O tempo marca de forma indelével os lugares e as gentes. Évora não ficou imune a isso. No testemunho de duas pessoas ligadas aos primeiros anos das Piscinas Municipais conhecemos um pouco mais da história desta infra-estrutura tão crucial e marcante para uma vasta população, uma vez que estas foram, durante muitos anos, classificadas como o melhor complexo de piscinas municipais da Península Ibérica. Trabalho dedicado e histórias curiosas fazem também parte da memória de uma época áurea que aqui se oferece através de dois testemunhos daqueles que estiveram intimamente ligados à vida das Piscinas Municipais.



## //Piscinas Municipais de Évora – Redescobrir o passado através de dedicados olhares

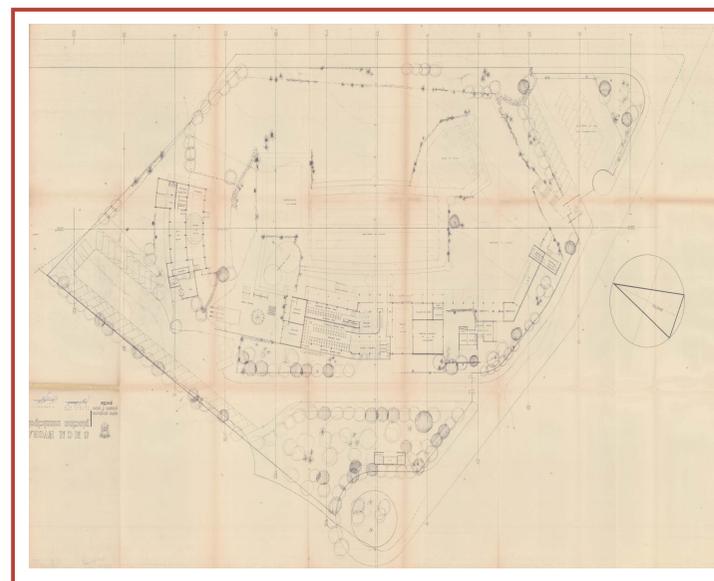


Adquirido o terreno, na encosta de S. Bento, em local de onde se disfrutava magnífico panorama sobre a cidade e sobre a vasta planície alentejana situada ao sul, iniciaram-se imediatamente os trabalhos de terraplanagem. Entretanto, concluída-se e entregava-se nos serviços competentes do Ministério das Obras Públicas e do Ministério da Educação Nacional, em Novembro de 1962, o arte-projecto que viria a ser aprovado elogiosamente pelas Entidades que sobre ele se dignaram pronunciar. Tendo os últimos elementos do projecto definitivo dado entrada na Direcção de Urbanização de Évora em 24 de Novembro e logo em 2 de Janeiro tiveram a aprovação de Sua Excelência o Ministro.

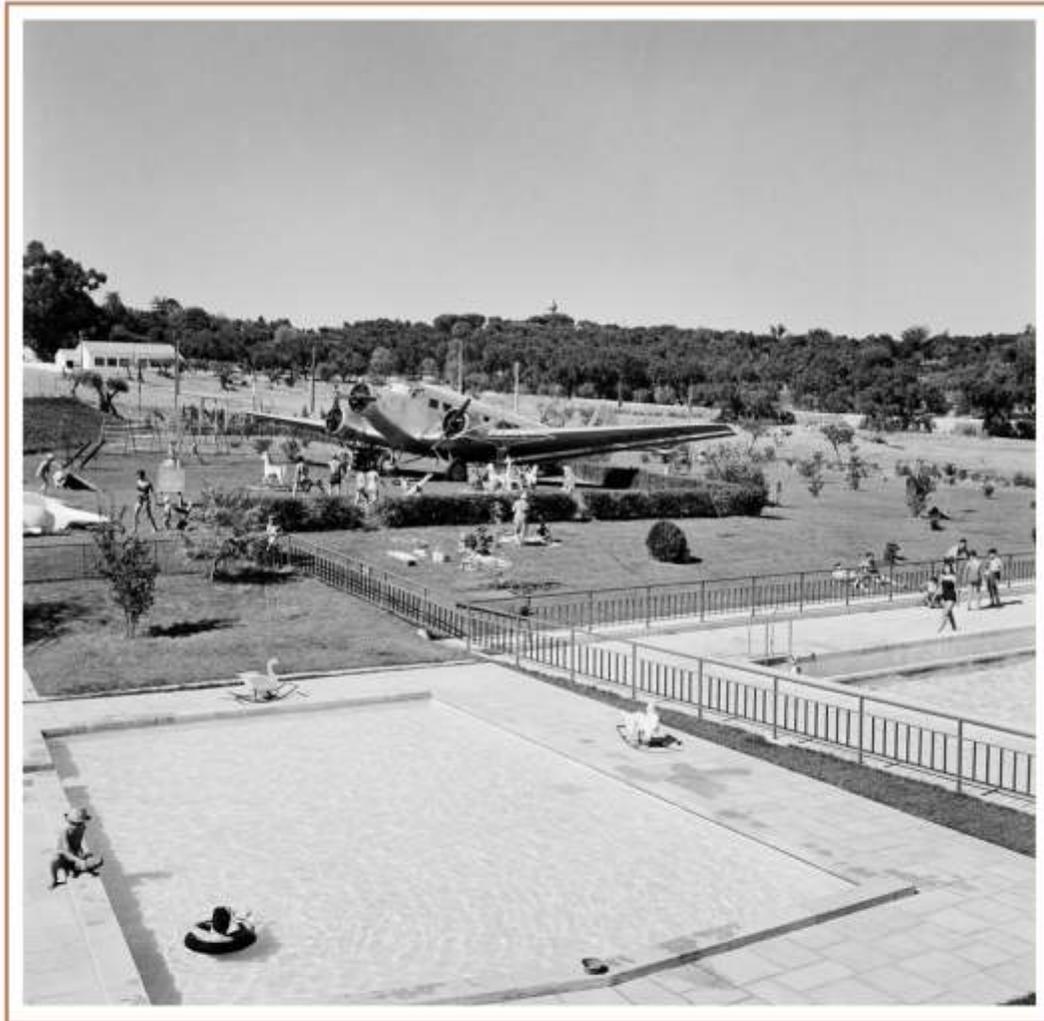
A obra estava prevista no Plano de Melhoramentos Urbanos do Ministério das Obras Públicas de 1964, com as seguintes verbas:

ORÇAMENTO-11 000 CONTOS  
COMPARTICIPAÇÃO (15 %) - 1 650 CONTOS  
ESCALONAMENTO:

1964 – 280 contos  
1965 – 675 contos  
1966 – 695 contos



## //Piscinas Municipais



O antigo tanque do Chafariz das Bravas foi substituído pelo melhor complexo de Piscinas Municipais existentes no país, na época.

Inicialmente previsto para o espaço da Horta dos Soldados, a sua localização acabou por ser transferida para o sopé do Alto de S. Bento, com uma área de cerca de 22 000 metros quadrados, não receando confronto com os mais modernos que na Europa se construíram.

Fruto de um sonho de muitos anos, tornou-se realidade às 11 horas do dia 5 de Setembro de 1964. Inauguradas pelo Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Arantes e Oliveira, que deu o seu nome ao Parque, foi uma das obras mais queridas durante o mandato do Dr. João Vieira da Silva, Presidente da edilidade àquela altura.

A obra foi, para a população eborense, motivo de grande reconhecimento, tendo sido registadas 68 547 entradas no primeiro mês.

O Parque de Piscinas Municipais é um complexo desportivo constituído, no exterior, por uma piscina olímpica com as dimensões de 50x20 metros, uma piscina de aprendizagem com 33x16 metros, dois chapinheiros infantis de 9x6 metros e um tanque de saltos com a profundidade máxima de 5 metros, dispondo na totalidade de uma capacidade de 4200 metros cúbicos de água. Existe ainda uma piscina coberta com 16x6 metros, que completa este complexo desportivo, o qual há mais de quarenta anos serve as escolas de natação e a população da cidade em geral.

O controlo da qualidade da água dos tanques é realizado em laboratórios acreditados e expostos os valores registados, de acordo com a legislação em vigor.